

O Relatório de Unamon

Ciro Flamarion Cardoso

Abstract

This paper contains a translation of an Egyptian text, "The report of Wenamun", and its analysis. This document is very important for three reasons at least. It has high literary value, using very adequately the Late Egyptian language of the Near Kingdom. Moreover, it is the sole extant written primary source concerning the exchanges between Egypt and Western Asia in the eleventh century B.C. Finally, in it, for the first time in an Egyptian text, the opinions of foreigners, even when opposed to views the Egyptian held, are written down.

1. Documento original, edição anotada e principais traduções

O *Relatório de Unamon* se conservou incompletamente num único manuscrito, o Papiro Moscou 120. Achado em 1891 nos arredores de El-Hibeh, no Médio Egito, no extremo norte dos domínios tebanos no que era, na época da ação descrita no texto, um Egito bipartido, no início do século XI a.C. (final da XXª dinastia), trata-se certamente de uma cópia, não do documento original. A data da cópia em questão é, no entanto, assunto de controvérsia, havendo autores que a atribuem a um período não muito posterior àquele em que os fatos narrados teriam acontecido (começando por volta de 1075 a.C.), enquanto outros alegam que a ortografia, a paleografia, o local do achado e o contexto em que a cópia poderia ter-se originado (uma retomada do interesse egípcio na Síria-Palestina) apontariam para uma época bem posterior: a dos faraós Sheshonk I e Osorkon II, ou seja, o início da XXIIª dinastia (segunda metade do século X a.C.).

O papiro Moscou 120 consta de duas páginas e 142 linhas; pensou-se de início que um fragmento destacado constituísse uma terceira página, erro depois corrigido. As lacunas mais graves encontram-se na primeira página. A respeito desse único manuscrito disponível de época faraônica, há quem ache estar ele incompleto, enquanto outra opinião é a de que,

embora haja lacunas no interior do texto, não existiu outra página ou porção no manuscrito: a cópia por ele constituída teria sido interrompida voluntariamente em determinado ponto, deixando de incluir parte do original.

O colecionador e egíptólogo russo que adquiriu o papiro no final do século passado para sua coleção particular, W. Golenischev, publicou-o — em hieróglifos e com uma tradução francesa — em 1899. A edição anotada que continua sendo a de referência foi publicada por Gardiner em 1932. (GARDINER, 1932: 61-76) Muitos eruditos de nosso século contribuíram para uma melhor compreensão do texto, que apresenta grandes dificuldades. Merece destaque, como ponto de partida de uma reinterpretação radical de grande influência — apesar de suas posições por vezes extremas e nem sempre bem apoiadas —, a monografia de Goedicke. (GOEDICKE, 1975) Além da tradução deste último autor, consultei outras sete, (ERMAN (org.), 1978: 174-185; WILSON, 1969: 25-29; LEFEBVRE, 1976: 204-220; SIMPSON (org. e trad.), 1973: 142-155; LICHTHEIM (org. e trad.), 1976: 224-230; LALOUETTE, 1987: 240-248; GRANDET, 1998: 141-152) ao elaborar em 1990-1992 minha própria tradução a partir do original neo-egípcio tal como publicado por Alan Gardiner e, depois, ao revisá-la para esta publicação. Não conheço outra tradução do egípcio para português do texto completo.

Existem numerosas diferenças de opinião acerca de como entender muitas passagens do texto do *Relatório de Unamon*. A maior controvérsia a respeito, entretanto, consiste em determinar se se trata: 1) de relatório de uma missão na Ásia, histórica, efetivamente ocorrida, redigido por um funcionário do templo de Amon em Karnak: funcionário este a quem, nesta hipótese, seria preciso atribuir grande talento literário; 2) de obra de ficção que retoma literariamente os dados de um relatório autêntico anterior; 3) de obra totalmente ficcional, sem um referente histórico. Pessoalmente inclino-me pela segunda hipótese. A última é hoje absolutamente minoritária. A primeira teve sua possibilidade reforçada ao demonstrar-se que o formato textual do *Relatório* é perfeitamente compatível com a forma adotada por textos raméssidas tardios que são indubitavelmente relatórios ou outras modalidades de documentos oficiais gerados no seio do aparelho de Estado. (Cf. GARDINER, 1948)

2. Tradução feita a partir do original egípcio, seguida de algumas anotações

A numeração entre parênteses dentro do texto indica em cada caso a página e a linha do manuscrito original. Devido às grandes diferenças de

estrutura entre o neo-egípcio do original e o português, a correspondência não pode ser sempre de todo exata, por ser a disposição sintática das palavras na frase por vezes muito diferente.

Esta é uma tradução relativamente livre. Há consideráveis divergências entre os egiptólogos sobre o significado exato de diversas partes do documento. Não sendo esta uma publicação filológica, não me estenderei, entretanto, sobre isto, reservando às anotações ao texto a função principal de contextualá-lo.

3. Texto

(1,1) Ano 5, mês 4 da estação da colheita, dia 16: o dia em que partiu o ancião do portal, Unamon, do domínio de Amon, (1,2) Senhor de Tronos das Duas Terras (= Karnak), para obter o contrato de madeira para o grande e nobre barco de Amon-Ra, rei dos deuses, aquele que navega [lit. está] sobre (1,3) o rio, cujo nome é "Amon é forte de proa". O dia em que eu cheguei a Tânis, ao lugar (1,4) onde residem Nesubanebdjed e Tanetamon. Eu lhes entreguei o decreto de Amon-Ra, rei dos deuses. (1,5) Eles fizeram-no ler diante de si e disseram enfaticamente "Sim!" ao que dissera Amon-Ra, rei dos deuses, nosso (1,6) senhor.

Eu comecei a viagem no mês 4, quando estava na Residência de Tânis. Nesubanebdjed e (1,7) Tanetamon me despacharam com o comandante de barco Mengebet. Embarquei em direção (1,8) ao Grande Mar da Síria e, em um mês, cheguei a Dor, um porto de (1,9) Tjeker, cujo chefe, Beder, fez com que me fossem dados 50 pães, um jarro de vinho (1,10) e uma anca de boi. Um homem de meu barco fugiu, tendo(-me) roubado um vaso de ouro (1,11) no valor de 5 deben, quatro vasos de prata no valor de 20 deben, 11 deben de prata ensacada; (1,12) total do que roubou: 5 deben de ouro e 31 deben de prata.

Ao levantar-me aquela manhã, fui (1,13) aonde estava o chefe e lhe disse: — Eu fui roubado em teu porto. Já que és o chefe desta terra (1,14) e seu juiz, procura o meu dinheiro! Na verdade, quanto a esse dinheiro, ele pertence a Amon-Ra, (1,15) rei dos deuses, o senhor dos que habitam as Duas Terras [= o Alto e o Baixo Egito], pertence a Nesubanebdjed, a Herihor, meu senhor, e a outros (1,16) poderosos do Egito; ele é para ti, para Uret, para Mekemer, para Tjeker-(1,17) Baal, o príncipe de Biblos.

Ele me disse:

--- (Respeito) tua importância e excelência! No entanto, olha: eu não (1,18) entendo o que acabas de me dizer. Se se tratasse de um ladrão residente em meu país, aquele que subiu (1,19) a bordo do teu barco e roubou o teu dinheiro, então eu te reembolsaria do meu Tesouro até que se (1,20) achasse o teu ladrão, fosse quem fosse. Mas de fato o ladrão que te roubou tem a ver é contigo, já que pertence (1,21) ao teu barco. Consente em ficar aqui alguns dias comigo para que o possa procurar.

Passai nove dias acostado (1,22) a seu cais. Então fui vê-lo e lhe disse: — Eis que não achaste o meu dinheiro! (1,23) Quisera ir-me com os capitães de barco e com os viajantes do mar!

Ele me disse:

— Aquieta-te! (1,24) Na verdade, se quiseres achar o teu dinheiro, então ouve o que tenho a dizer, faze o que eu te disser e não faças (1,25) (...) LACUNA Quando estiveres onde queres estar, e te apoderares de suas bagagens (...). LACUNA...tu te apoderares de seu conteúdo (1,26) (...) LACUNA...e eles começarão a ir procurar o seu ladrão, que roubou o teu dinheiro. (1,27) (...) LACUNA...o porto. Eis que (...) LACUNA (1,28)...Tiro. Eu saí de Tiro de madrugada. (...) LACUNA (1,29)...Tjeker-Baal, o príncipe de Biblos. (...) LACUNA...(revistei o) (1,30) barco e achei nele 30 deben de prata e me apoderei deles. (...) LACUNA

(1,31) —...a vossa prata. Ela ficará comigo até que trateis de achar o meu dinheiro juntamente com o ladrão (1,32) que o roubou. Embora vós mesmos não hajais roubado, eu me apossarei dela: a não ser que me compenseis quanto a (meu) dinheiro.

(1,33) Quando eles se foram, alojei-me numa taverna à beira-mar, no porto de Biblos. (Estabeleci um tabernáculo para) (1,34) Amon-do-caminho e pus em seu interior as suas coisas. O príncipe de Biblos enviou-me uma mensagem, dizendo: "Saí do (1,35) meu porto!" E eu lhe enviei uma mensagem, dizendo:

— Aonde (...) LACUNA...ir (...) LACUNA (1,36) Se (achares um barco) para transportar-me, faze-me levar de volta (1,37) ao Egito."

Passai vinte e nove dias em seu porto; e ele passou esse tempo enviando-me diariamente mensagens que diziam: "Saí (1,38) do meu porto!"

Quando ele fazia oferenda aos seus deuses, o deus (= Amon) se apossou de um de seus (1,39) pajens e o pôs em êxtase. E ele (= Amon por meio do pajem) lhe (= a Tjeker-Baal) disse:

— Traze o deus para cima! Traze o mensageiro que o carrega! (1,40) Foi Amon quem o despachou, foi ele aquele que o fez vir.

Enquanto o extático continuava em êxtase aquela noite, eu (1,41) achei um barco que ia para o Egito e preparei para embarcar nele todas as minhas coisas. Eu espreitava (1,42) a escuridão total, desejando que caísse para embarcar o deus de modo que não pudesse ser visto por outros olhos. Então o (1,43) superintendente do porto veio a mim para dizer:

— Fica até a manhã: assim diz o príncipe!

Eu lhe disse:

— Não eras tu que (1,44) passavas o tempo vindo ter comigo diariamente para dizer: "Saí do meu porto"? E agora dizes: "Passa a noite" — (1,45) para que possa partir o barco que eu achei? E virás (depois) dizer outra vez que eu me vá?

Ele partiu e disse aquilo ao príncipe. (1,46) Este enviou mensagem ao capitão do barco, dizendo: "Fica até amanhã: assim diz (1,47) o príncipe". Ao amanhecer, mandou buscar-me, fazendo que me levassem à parte supe-

rior da cidade [lit. para cima]. O deus permaneceu na taverna (1,48) onde estava, à beira-mar.

Achei-o sentado em seu aposento superior. Estando ele virado de costas (1,49) para uma janela, as ondas do Grande Mar da Síria batiam contra as suas (1,50) tēmporas. Eu lhe disse:

— Amon seja misericordioso!

Ele me disse:

— Quanto tempo passou-se até hoje, desde que vieste do lugar onde (1,51) reside Amon?

Eu lhe disse:

— Cinco meses até hoje.

Ele me disse:

— Eis que estás correto. Mas onde está (1,52) o decreto de Amon que deveria estar em tua mão? Onde estão as cartas do sumo sacerdote de Amon que deveriam estar em tua mão?

Eu lhe (1,53) disse:

— Eu os dei a Nesubanebdjed e a Tanetamon.

Ele ficou extremamente zangado e me disse:

— Então, eis que não trazes decreto ou (1,54) cartas! E onde está o navio para (transportar) a madeira de pinho (que deveria ter sido) dado a ti por Nesubanebdjed? Onde está (1,55) a sua tripulação síria? Acaso ele te confiou àquele capitão de barco estrangeiro para fazer com que te (1,56) matasse e a tripulação [lit. eles] te jogasse ao mar? Com quem teriam então procurado o deus? E tu, igualmente, com quem deveriam também (1,57) procurar-te? — foi o que me disse.

Eu lhe disse:

— Não é (acaso) um barco egípcio, não é uma tripulação egípcia, aqueles que navegam (1,58) sob a autoridade de Nesubanebdjed? Pode ele alugar uma tripulação síria?

Ele me disse:

— Não há vinte barcos, (1,59) aqui em meu porto, fretados por Nesubanebdjed? Quanto a isto, Sidon é (2,1) outro lugar que conheces: não há outros cinqüenta barcos lá, (2,2) fretados por Warakatil, navegando para a sua casa?

Eu me calei sobre isto por um longo (2,3) tempo. Continuando, ele me disse:

— Tu vieste para que missão?

Eu lhe disse:

— Eu vim (2,4) pelo contrato de madeira para o barco sagrado, grande e excelso de Amon-Ra, rei dos deuses. Como o fez o teu pai e o fez (2,5) o pai de teu pai, também tu o farás! — assim lhe falei.

Ele me disse:

— Eles fizeram isso como comércio! (2,6) Quando me pagares para o fazer, eu o farei. Na verdade, meus antepassados realizaram esta tarefa ao enviar (2,7) o faraó — que ele viva, prospere e tenha saúde! — seis barcos carre-

gados de bens do Egito, que foram esvaziados em seus (2,8) depósitos. E tu, o que trouxeste para mim — sim, para mim?

Ele mandou trazer assentamentos do tempo de seus antepassados, (2,9) fê-los ler diante de mim. Verificou-se que 1 000 deben de prata, no total, constavam dos assentamentos. (2,10) Ele (então) me disse:

— Quanto ao governante do Egito — meu senhor, pois também eu sou seu servidor —, (2,11) não costumava ele fazer com que fossem enviados prata e ouro, dizendo: "Executa a missão de Amon"? Não eram (acaso) presentes (2,12) dignos de um rei os que costumavam ser feitos ao meu pai? E quanto a mim — sim, eu! — serei eu teu (2,13) servidor? Ou (acaso) um servidor daquele que te enviou? Se eu gritar em direção ao (2,14) Líbano, que rasga o céu, então os troncos se empilharão à beira-mar. Dá- (2,15) me, pois, as velas que trazes para aparelhar os teus barcos que transportarão os teus troncos ao Egito. (2,16) E dá-me as cordas que trouxeste para amarrar os madeiros de pinho que cortarei para aprovisionar-te. (...) (2,17) LACUNA (Se) eu tos fornecer e as velas para os teus (2,18) barcos (também), os mastros, pelo peso excessivo, poderiam quebrar-se e poderias causar tua (própria) morte no meio do mar! (2,19) Eis que só depois de pôr Sutekh ao seu lado Amon trovejou no céu. Sem dúvida, Amon (2,20) fundou todas as terras; mas cuidou delas depois de ter fundado a terra do Egito, de onde vens. (2,21) Na verdade, dela saíram a eficiência e o ensinamento (2,22), mas foi para atingirem o lugar onde estou. O que são estas viagens estúpidas que foste obrigado a empreender?

Eu lhe disse:

(2,23) — Errado! Estas que empreendo não são, na verdade, viagens estúpidas. Não há navio algum sobre o rio que (2,24) não pertença a Amon. O mar (também) é seu. Na verdade, pertence-lhe (até mesmo) o Líbano, que pensas ser teu, onde ele (2,25) faz crescer (madeira) para "Amon é forte de proa", senhor de todos os barcos. Foi, de fato, a palavra de Amon-Ra, rei dos deuses, (2,26) falando a meu senhor Herihor, aquilo que me fez partir. Ele fez com que eu viesse, trazendo este grande deus (= Amon-do-caminho). Mas, olha: tu fizeste (2,27) com que este grande deus passasse estes vinte e nove dias acostado a teu cais, sem averiguares se lá estava ou sobre quem (2,28) ele era. Tu demoras a esvaziar o Líbano em favor de Amon, senhor daquele lugar [lit. seu senhor]. Quanto ao que dizes, que os (2,29) reis de outrora faziam com que se enviasse ouro e prata: se eles pudessem ter concedido vida e saúde, não enviariam tais coisas. (2,30) Eles enviaram pagamento em lugar de vida e saúde aos teus antepassados. Quanto a Amon-Ra, rei dos deuses(, porém,) ele é o (2,31) senhor da vida e da saúde. Era ele o senhor de teus antepassados, que passavam a vida fazendo oferendas (2,32) a Amon. Tu mesmo, também tu és servidor de Amon! Se disseres "Sim!" a Amon e cumprires a sua (2,33) missão, prosperarás enquanto viveres, terás saúde, serás benéfico para todo o teu país e teu povo. Não desejes (2,34) para ti outra coisa de Amon-Ra, rei dos deuses! Na verdade, o leão ama as suas possessões! Manda que venha teu escriba à

minha presença, para que eu o envie (2,35) a Nesubanebdjed e Tanetamon, aqueles organizadores da terra postos por Amon no norte de seu país. (2,36) Eles farão com que todo o necessário seja mandado. Eu o enviarei a eles para dizer: "Fazei com que seja trazido", antes que eu possa voltar para o sul, ocasião em que também te farei (2,37) pagar qualquer dívida remanescente — isto foi o que eu lhe disse.

Ele pôs a minha carta na mão do seu mensageiro. E fez aprestar a (2,38) quilha do barco, o alto da proa, o alto da popa, juntamente com outros quatro madeiros lavrados, num total de sete madeiros. Fez com que fossem despachados para o Egito.

(2,39) Seu mensageiro, o que fora ao Egito, voltou a mim na Síria no primeiro mês da estação de peret. Nesubanebdjed e Tanetamon haviam providenciado o envio de: (2,40) quatro jarras e um recipiente de ouro; cinco jarras de prata; dez roupas de linho real; dez peças de tecido do Alto Egito; quinhentas roupas de pano liso; (2,41) quinhentos couros de boi; quinhentas cordas; vinte sacos de lentilhas; trinta cestos de peixes (secos). E ela [= Tanetamon, num presente especial para Unamon] me fez enviar cinco (2,42) roupas de tecido do Alto Egito, cinco peças de tecido do Alto Egito, um saco de lentilhas e cinco cestos de peixes (secos).

Satisfeito, o príncipe forneceu (2,43) trezentos homens e trezentos bois. Designou supervisores à frente deles, para que as árvores fossem cortadas. Eles as cortaram. Passaram lá, isolados, (2,44) a estação de peret, até o terceiro mês da estação da colheita. E então as arrastaram até a beira-mar. O príncipe saiu e foi estar com eles. Enviou-me, então, uma mensagem, (2,45) dizendo: "Vem!" Aproximei-me dele. A sombra do seu leque em forma de lótus caiu sobre mim. Penamon, (2,46) um de seus copeiros, barrou-me a passagem, dizendo:

— A sombra do faraó — que ele viva, prospere e tenha saúde! —, teu senhor, caiu sobre ti!

Ele [= o príncipe] se enfureceu (2,47) contra ele [= Penamon], dizendo:

— Deixa-o em paz!

Aproximei-me dele e dirigi-me a palavra, dizendo:

— Olha: a missão levada a cabo pelos meus (2,48) antepassados outrora, eu a realizei (também) — enquanto tu não fizeste para mim aquilo que teus antepassados fizeram para mim: sim, tu! Olha: chegou (2,49) a última parte do teu contrato de madeira e está empilhada. Age conforme teu desejo: tu virás embarcá-la, pois não poderiam negar-ta. (2,50) Que não queiras vir (aqui à beira-mar unicamente) para contemplar o terror do mar! Caso queiras contemplar o terror do mar, contemplarás também o (2,51) meu em pessoa! Na verdade, eu não fiz contigo o que fizeram com os enviados de Khamuaset, depois que passaram dezessete anos (2,52) neste país. Eles morreram no lugar onde estavam.

E ele disse ao seu copeiro:

— Leva-o! Deixa que ele veja a sua tumba, onde (2,53) eles jazem!

Eu lhe disse:

— Não ma façás ver! Quanto a Khamuaset, humanos eram aqueles que ele te enviou como mensageiros, bem como humano (2,54) era ele próprio. Ora, não tens aqui um de seus mensageiros, para que digas: “Vai depressa e olha teus companheiros!” Não deverias rejubilar-te e (2,55) ordenar que fosse feita para ti uma estela? Tu nela dirias: “Amon-Ra, rei dos deuses, enviou-me Amon-do-caminho, o seu mensageiro (2,56) — que ele viva, prospere e tenha saúde! —, juntamente com Unamon, o seu mensageiro humano, em busca do contrato de madeira para o grande e nobre barco de Amon-Ra, rei dos deuses. Eu a (2,57) cortei, embarquei-a, aparelhei-a em meus próprios barcos, com minha própria tripulação, e fiz com que chegasse ao Egito, com a finalidade de implorar para mim (2,58) cinquenta anos adicionais de vida a Amon.” E se acontecer que, depois de outro período de tempo, venha (2,59) da terra do Egito um mensageiro que saiba escrever e leia o teu nome na estela, tu receberás água do Ocidente como os deuses [= os mortos] que (2,60) lá estão.

Ele me disse:

— Que grande testemunho de palavras foi isso que disseste!

Eu lhe disse:

— Quanto às muitas coisas que me disseste, se eu chegar até (2,61) o lugar onde está o sumo sacerdote de Amon e ele vir a tua missão, será a tua missão que poderá trazer-te (2,62) algum benefício.

Fui sozinho à beira-mar, (em outra ocasião,) ao lugar onde os madeiros estavam empilhados, e vislumbrei onze barcos: (2,63) eles chegavam do mar e pertenciam aos teucros. (...) LACUNA...dizendo:

— Prendei-o! Não envieis navios (2,64) com ele à terra do Egito!

Sentei-me então para chorar. O escriba de cartas do príncipe saiu e veio a mim. (2,65) Ele me disse:

— O que há contigo?

Eu lhe disse:

— Não vês as aves migratórias descendo para o Egito pela segunda vez? (2,66) Olha-as: elas viajam em direção à água fresca! Até quando eu estarei abandonado aqui? E não vês aqueles que vieram (2,67) para deter-me ainda? Ele partiu e contou aquilo ao príncipe. Este se pôs a chorar por causa das palavras que lhe foram citadas e eram (2,68) dolorosas. Ele fez sair e vir a mim o seu escriba de cartas, trazendo dois jarros de vinho e um cordeiro. E fez com que me fosse trazida (2,69) Tanetniut, uma sua cantora do Egito, dizendo:

— Canta para ele! Não deixes seu coração ser presa das preocupações! E enviou-me uma mensagem, (2,70) dizendo:

— Come, bebe, não deixes teu coração ser presa das preocupações. Amanhã ouvirás o que tenho a dizer.

Ao amanhecer, (2,71) ele fez convocar a sua assembléia. E quando estive de pé entre os conselheiros [lit. entre eles], disse aos teucros:

— Qual (a razão) de vossa expedição?

(2,72) Eles lhe disseram:

— *Nós viemos em perseguição àqueles barcos. Faze surrar [lit. Golpeia] aquele que estás despachando para o Egito, (já que agiu) como malfeitor para conosco!*

(2,73) Ele lhes disse:

— *Eu não posso deter o enviado de Amon em meu país! Deixai que eu o despache: então, vós o perseguireis (2,74) para detê-lo.*

Ele fez o meu carregamento e despachou-me, (vindo comigo) até o porto marítimo.

O vento me atirou à terra de (2,75) Alashia [= Chipre]. Os habitantes da cidade vieram contra mim para matar-me. Eu forcei minha passagem entre eles até onde estava a princesa da cidade, (2,76) Hatiba. Pude encontrá-la, pois estava saindo de uma de suas casas para entrar em outra. Eu a (2,77) saudei e disse às pessoas que estavam de pé à sua volta:

— *Não há algum dentre vós que entenda a língua do Egito?*

Um deles (2,78) disse:

— *Eu entendo.*

Eu lhe disse:

— *Dize à minha senhora que eu ouvi dizer, na longinqua Tebas, onde reside Amon: “Em todas as cidades (2,79) pratica-se a injustiça; mas a justiça é praticada em Alashia”. Acaso a injustiça é que se pratica, aqui, diariamente?*

Ela disse:

— *Na verdade, o que significam (2,80) tuas palavras?*

Eu lhe disse:

— *Se o vento, ao pôr-se o mar furioso, lança-me à tua terra, (2,81) deixarás que as pessoas [lit. eles] me recebam para matar-me, sendo eu o enviado de Amon? Olha, porém: quanto a mim, procurar-me-ão (2,82) o tempo todo! E quanto àquela tripulação do príncipe de Biblos, que eles procuram para assassinar, o seu senhor não (será capaz de) achar (2,83) dez tripulações tuas e matá-las, ele também?*

Ela fez com que aquelas pessoas fossem convocadas e as fez admoestar.

Disse-me então:

— *Vai descansar (...)*

Obs.: Interrompe-se neste ponto o único exemplar disponível do documento.

4. Algumas anotações ao texto

(1,1): A data, neste caso, não remete a um ano de reinado do faraó Ramsés XI (1100-1070 a.C.), último rei da XXª dinastia, mas, sim, ao ano 5 da era da “repetição de nascimentos”, aparentemente iniciada por decisão do sumo sacerdote de Amon, Herihor, no ano 19 daquele faraó. Assim, os acontecimentos narrados no conto teriam começado em aproximadamente 1075 a.C.

(1,1): “Ancião do portal” (em egípcio *semesu hay*) é título alto na hierarquia administrativa dos domínios de Amon de Karnak (Tebas).

(1,2-3): A especificação do barco de Amon como sendo aquele em que o deus navega no rio Nilo é necessária porque existiam também barcos menores, levados aos ombros dos sacerdotes em procissão dentro e fora do templo. A existência do barco fluvial em questão é atestada, com o mesmo nome, por séculos.¹

(1,3): Tânis (em egípcio *Djanet*), na época dos acontecimentos narrados no Papiro Moscou 120, era importante porto fluvial-marítimo e, conhecendo grande atividade na construção de edifícios e monumentos, aprestava-se a superar como metrópole do Delta a capital raméssida, Pi-Ramsés, onde ainda vivia seus últimos anos Ramsés XI, aparentemente despojado de todo poder. (Cf. BIETAK, 1979)

(1,4): “Decreto de Amon-Ra, rei dos deuses”: decreto oracular dado a Herihor, o sumo sacerdote, pelo deus de Karnak (ver também 2,25-26). Desde a XVIIIª dinastia vemos estabelecer-se o hábito de que Amon “ordene”, mediante oráculos, viagens ao exterior em seu benefício, como no caso da famosa expedição enviada a Punt pela rainha Hatshepsut.

(1,6-7): Nesubanebdjed e Tanetamon, os governantes de Tânis (ele destinado a ser posteriormente o primeiro rei da dinastia seguinte, ao morrer Ramsés XI), enviaram Unamon como passageiro num barco mercante estrangeiro, em lugar de dar-lhe um de seus próprios barcos para efetuar a missão na Ásia.

(1,8): O “Grande Mar da Síria” é o Mediterrâneo oriental. Dor, situado na costa da Palestina ao norte de Gaza, Ashkalon e Joppa, é indicado como “um porto de Tjeker”: os *tjeker* costumam ser identificados com os teucros; mas atualmente se acha que, neste ponto do texto, a designação seja geográfica e, não, étnica.

(1,11-12): O *deben* egípcio era medida de peso equivalente a 91 gramas.

(1,14): O termo egípcio que traduzimos como “dinheiro” significa lit. “prata”, mas diversos autores mostraram ser aquela tradução apropriada, posto que, embora não existisse na época moeda cunhada, a moeda de conta estava já bem estabelecida e permitia uma generalização da noção de valor.

(1,14-17): O “dinheiro” em questão, roubado a Unamon, obtido de pessoas importantes do Egito ao longo de sua viagem de Tebas a Tânis e na própria Tânis, não se destinava, como entenderam erroneamente vários autores, ao pagamento da madeira para o barco de Amon mas, sim, a participar em trocas de presentes com os príncipes das diversas cidades costeiras a serem visitadas, inclusive Biblos. Uret e Mekemer seriam, nes-

ta hipótese, os chefes respectivamente das cidades fenícias de Tiro e Sidon, escalas na rota de Biblos (1,28 e 1,59).

(1,24-32): As lacunas dificultam o entendimento desta parte do texto. Minha interpretação é a seguinte: Beder de Dor aconselha Unamon a seguir viagem e, ao chegar a seu destino final, Biblos, apoderar-se de prata pertencente a um barco *tjeker* ou teucro, ou seja, da mesma etnia que o ladrão que se apossou de seu dinheiro, retendo-a até que os donos da prata em questão apreendessem o ladrão seu conterrâneo ou compensassem pelo roubo o emissário de Amon. Não fica claro se se trata do mesmo barco em que ele próprio viajou até Biblos, ou de outra embarcação teucra que estivesse atracada no porto local. Diante de tal ação de Unamon, que além do mais chega como simples passageiro num barco mercante e sem credenciais, não é de estranhar que Tjeker-Baal, o príncipe de Biblos, de início lhe ordene que se vá (1,34-38), provavelmente prevendo o que acabou por acontecer: a chegada de teucros a sua cidade em perseguição a Unamon, envolvendo o príncipe numa contenda que lhe era estranha (2,62-64, 2,70-74).

(1,33): Ao traduzir *imu* como “taverna”, sigo a opinião minoritária de Goedicke, pois a maioria dos tradutores entende “tenda”: concordo com este Autor em que, num porto movimentado como Biblos, instalar-se numa tenda à beira-mar — ainda por cima, com uma estátua divina que deveria ser preservada dos olhares dos passantes — seria algo extremamente improvável, além de que demonstra ser plausível a tradução alternativa, havendo outras ocorrências com esse sentido em neo-egípcio (GOEDICKE, 1975: 48-49).

(1,34): “Amon-do-caminho”: imagem de Amon enviada à Fenícia pelo oráculo do deus de Tebas, com Unamon, como embaixador divino (1,39-40, 2,26-28, 2,55-56).

(1,39; 1,47): O porto de Biblos (ou um deles, já que a cidade tinha dois portos) ficava em pequena baía, enquanto a aglomeração urbana propriamente dita estava no topo de uma colina.

(1,48-50): Esta descrição do mar batendo de encontro às têmeoras do príncipe, sentado e tendo por trás uma janela, baseada numa ilusão de óptica, não tem paralelo na literatura egípcia antiga.

(1,50-51): A respeito da cronologia da viagem de Unamon, aqui mencionada como também ocorre em 1,1, 1,6 e 1,8, há grandes divergências, levando alguns autores a emendar as cifras que o documento provê. Alinho-me em certos pontos às opiniões de Goedicke, que têm a vantagem de não exigirem qualquer emenda, de preferência às de Lefebvre e outros. A afirmação de Unamon não é exata: o mais provável é que, em

sua resposta, levasse em conta unicamente meses completos, quando na verdade fazia quase meio ano desde que saíra de Tebas. Por outro lado, em 1,1 e 1,6, a referência parece ser, não à partida de Tebas mas, sim, a quando deixou Tânis para dirigir-se a países estrangeiros.

(1,51-2,3): Nesta e em outras passagens, Tjeker-Baal trata Unamon como um impostor: o egípcio alega ser embaixador de Amon; mas não tem credenciais e chega como passageiro e, não, num barco real carregado de riquezas que paguem pela madeira a adquirir. A força dos argumentos do príncipe explica que, terminado o primeiro confronto verbal, Unamon não ache o que responder e se cale longamente. Warakatil é, aparentemente, um comerciante estrangeiro (o nome não é egípcio) instalado em Tânis ou em outro porto egípcio. Há controvérsias acerca da origem de todos os nomes estrangeiros que o texto menciona. Tjeker-Baal (que aparece primeiro em 1,16-17) é, no entanto, nome semita bem atestado, embora alguns achem que se deva traduzir como “varão pertencente a Baal” e outros, que signifique “Baal se lembrou”.

(2,3-37): Unamon parece ter levado a sério a ficção jurídica egípcia, típica das relações internacionais da Idade do Bronze, que apresentava a madeira adquirida em Biblos por troca pelos egípcios sistematicamente como “presente” ou “tributo” (ver, por exemplo, o texto de Amenhotep III a que se refere a nota 1). Além do mais, na opinião de Tjeker-Baal, ao contrário dos emissários reais do passado, Unamon não representa o soberano legítimo do Egito — na época, Ramsés XI —, cujo desaparecimento de cena ainda em vida não se sabe explicar (loucura? paralisia consecutiva a um derrame? senilidade precoce?) mas, sim, pessoas comuns embora importantes: assim, teria ainda menos direito a invocar o modelo das relações do passado entre Biblos e o Egito. Apesar de todo o discurso teológico do “embaixador humano” de Amon, o que resolve a situação é a sua promessa de pagamento: diante dela, o príncipe aceita sem dificuldade enviar um adiantamento importante do “contrato de madeira” (2,37-38).

(2,19-22): Sigo, neste ponto, a interpretação de François Neveu, que reforça, ainda mais do que nas traduções anteriores, a afirmação de independência de Biblos, dando a entender que a única finalidade do estabelecimento da civilização egípcia por Amon foi provocar a chegada de seus ensinamentos a Biblos! A menção a Sutekh, significando a forma asiática do deus egípcio Seth, indica que o próprio Amon o alçou a uma posição proeminente. Ao contrário do que se poderia pensar, isto não é absurdo no contexto da mitologia egípcia, já que, de fato, esta afirmava que Seth foi posto por Ra (assimilado a Amon na forma Amon-Ra) na proa do barco solar para combater inimigos como a serpente Apepi. (NEVEU, 1996: 115)

(2,45-46): O episódio do leque até agora não foi explicado a contento: há numerosas hipóteses, mas nenhuma outra ocorrência com que confrontá-las, pelo qual continuamos sem saber do que se trata. Parece convincente que tal episódio se refira de algum modo à situação anômala do governo (e especialmente da monarquia) no Egito à época: mas isto não ajuda muito, posto que ninguém sabe por que ou em que circunstâncias Ramsés XI deixou de exercer um poder efetivo. Note-se que o copeiro de Tjekerbaal, a julgar pelo seu nome, é egípcio.

(2,47-48): Embora em 2,42 se afirme que Tjeker-Baal ficou “satisfeito”, isto é, aceitou o preço enviado por Nesubanebdjed e Tanetamon pela madeira, aqui ele parece dizer o contrário: trata-se de uma apropriação de retórica típica das cartas dos grandes reis da Idade do Bronze por um pequeno príncipe fenício da transição do Bronze para o Ferro, num momento em que a Síria-Palestina estava passageiramente livre da interferência de grandes Estados estrangeiros.

(2,48-51): Parecem-me ter razão os autores que interpretam esta passagem como significando um aviso para que Unamon, agora que tem a madeira que veio buscar, parta sem demora, possivelmente com a esperança de que o faça antes que os teucros venham reclamar acerca da prata retida por Unamon (1,31-32). A interpretação contrária de Goedicke, aqui e nas passagens seguintes, é desnecessariamente complicada e pouco convincente.

(2,51 e 2,53): Este Khamuaset poderia ser o vizir homônimo de Ramsés IX e Ramsés X, quiçá responsável, em passado relativamente recente, pelo envio a Biblos de pessoas em busca de madeira, seja para o barco de Amon, seja para outra finalidade, as quais aparentemente acharam condições adversas que prolongaram sua residência na Fenícia, onde morreram. Não havendo informação independente a respeito, o episódio permanece obscuro.

(2,69): Há outros exemplos conhecidos de mulheres do Egito em cortes estrangeiras. Tanetmiut, “aquela da cidade” (ou seja, de Tebas), pode ser um nome ou um apodo indicador de procedência.

(2,73-74): A atitude de Tjeker-Baal tem sido apontada como traiçoeira ou reveladora de duplicidade, mas a verdade é que o príncipe de Biblos nada tinha a ver com a disputa entre os teucros e Unamon: a ele competia simplesmente despachar o mensageiro de Amon para sua viagem de volta.

(2,75): A identificação de Alashia (em egípcio, neste documento, *Yles*) com Chipre não é absolutamente segura, mas muito provável. Geograficamente, dada a proximidade de Chipre em relação à costa da Síria-

Palestina, uma tempestade poderia perfeitamente desviar para lá um veleiro que deixasse o porto de Biblos. Como a informação que se tem da ilha depende unicamente da arqueologia, não havendo fontes escritas para o período, conhecem-se muito mal as instituições chipriotas na transição da Idade do Bronze para a do Ferro. O porto ao qual chegou o barco de Unamon poderia corresponder a Kition, na costa sul da grande ilha, ou a algum ponto da costa leste da mesma.

5. Contextuando Unamon

A XXª dinastia conheceu tempos sombrios. Ramsés III teve de lutar em mais de uma ocasião contra os líbios e os “povos do mar” invasores, ao que parece exaurindo em tal luta os recursos do Egito, sendo de seu reinado o primeiro exemplo de interrupção do trabalho pelos construtores das tumbas reais por falta de pagamento. Nos reinados posteriores ocorreram grandes fomes, pilhagens por bandidos e desvios de recursos por funcionários e sacerdotes, roubos de tumbas reais e inflação nos preços dos cereais calculados em prata (embora ignoremos quantas pessoas dependiam no Egito, para sobreviver, de adquirir grãos por compra). (GRIMAL, 1988: capítulo 11; ROMER, 1984: capítulos 17 e 20 a 24)

O último rei da dinastia, Ramsés XI (1100-1070 a.C.), parece de início ativo: atribui-se-lhe a iniciativa de apelar ao vice-rei da Núbia, Panehesy, para que intervenha em Tebas no sentido de interromper depredações de bandidos e contra a clique do sumo sacerdote Amenhotep, vinculada a roubos de tumbas reais e à usurpação de atribuições ligadas tradicionalmente à monarquia. Mas Panehesy teve igualmente de ser expulso — com o qual a Núbia terminou por tornar-se independente do Egito — e, em função disso, ouviu-se falar pela primeira vez do general Herihor, provavelmente de origem líbia. Tornou-se também sumo sacerdote em Karnak após suas vitórias militares, Herihor se fez representar como se fosse um rei na decoração do templo do deus Khonsu, no interior do grande complexo de Amon.

Estando assim as coisas, Ramsés XI desapareceu de cena em seu ano 19 — quando Herihor inaugurou uma nova “era” como se fosse um fundador de dinastia — embora o primeiro continuasse vivo, residindo em Pi-Ramsés (quando por fim morreu, sua tumba do Vale dos Reis, em Tebas, estava inacabada, apesar de um reinado longo). O poder efetivo, num Egito bipartido, divide-se doravante entre o sumo sacerdote de Tebas, Herihor, e o futuro inaugurador da dinastia seguinte, Nesubanebdjed, cuja esposa, Tanetamon, talvez fosse aparentada à casa raméssida (e ele, acham al-

guns, a Herihor). Tebas, com ela o sul do Egito, passam a constituir uma espécie de teocracia, situação que será duradoura; e o norte do país é governado do próspero porto de Tânis por Nesubanebdjed, o qual toma a seu cargo as relações com a Ásia e as trocas marítimas no Mediterrâneo. (KITCHEN, 1973: capítulo 1)

Foi nestas circunstâncias que Unamon começou suas aventuras (ou desventuras) por volta de 1075 a.C. Parece-me que uma explicação plausível para algumas das tribulações a que esteve submetido na Fenícia dependa, por um lado, da situação anômala do Egito na época (afinal, Unamon não fora enviado pelo faraó legítimo ainda vivo, Ramsés XI), por outro lado, das conseqüências da eliminação da burocracia tradicional de Tebas, chefiada anteriormente pelo sumo sacerdote Amenhotep. Tal fato levou ao poder, na cidade e no governo do sul, *parvenus* mal informados acerca dos diversos procedimentos a serem seguidos na administração tebana e nas situações decorrentes de tal administração, como podiam ser, por exemplo, as expedições à Fenícia para conseguir madeira. Só assim se explicam as circunstâncias em que Unamon empreendeu sua viagem. Com efeito, o enviado de Amon deixou suas credenciais em Tânis em lugar de levá-las consigo até Biblos, dispunha somente (antes de ser roubado em Dor) dos recursos necessários às trocas de presentes rituais com os chefes dos portos de escala e o governante da própria Biblos, acreditando aparentemente nas afirmações ficcionais formalizadas, freqüentes em documentos egípcios do passado, de que a madeira mesma seria dada como “presente” ou “tributo” a Amon por Tjeker-Baal de Biblos — quando, na realidade, era preciso pagar por ela. Outrossim, o usual era que o encarregado de uma tal missão fosse expedido à Fenícia com pompa e circunstância, num barco bem tripulado e carregado com as mercadorias destinadas ao pagamento (2,6-12): o príncipe de Biblos mostrou a Unamon assentamentos de seu arquivo relativos a seis dessas viagens. Ora, Unamon chegou àquele porto como simples passageiro num navio mercante estrangeiro, o que mostra ignorância dos procedimentos corretos de parte dos governantes *de facto* do Egito dividido. Não parece que erros tão crassos se expliquem só pelo empobrecimento do país.

No tocante à situação vigente na Ásia Ocidental à época da viagem, trata-se do período imediatamente consecutivo à perda do domínio egípcio na Palestina, em função: das dificuldades internas e ameaças de invasão sofridas pelo próprio Egito; do assentamento dos chamados “povos do mar” no litoral palestino e zonas próximas (por exemplo, os filisteus e teucros na fachada marítima da Palestina meridional); da instalação das tribos de Israel e dos arameus mais para o interior.

É a partir dessa época que os historiadores de hoje começam a falar dos fenícios na região que corresponde *grosso modo* ao atual Líbano (ao norte do território dos teucros, estendendo-se do mar para o interior até os montes Líbano e Antilíbano), mas o termo “fenícios” é de origem grega e não denota qualquer etnia nova: eles mesmos chamavam-se *can'ani* (“cananeus”) e sua terra era, para eles, Canaã. Ora, a etnia dos cananeus é atestada pelo menos desde o começo do segundo milênio a.C.: ela se estendia por toda a Síria-Palestina na Idade do Bronze, sobretudo no tocante à fachada marítima da região; as novidades políticas e talvez étnicas (nem todos os autores hoje em dia acreditam serem os “povos do mar” resultantes de extensas migrações) ocorridas desde aproximadamente 1200 a.C. na Síria-Palestina a restringiram ao que os gregos chamaram de Fenícia, o que quer dizer que tal região representava, simplesmente, o último baluarte lingüístico e cultural da etnia cananéia. Na época da viagem de Unamon à Fenícia, era Sidon a cidade-Estado mais importante da região: a grandeza de Tiro, bem como a grande expansão fenícia no Mediterrâneo (e mesmo fora dele), estavam ainda no futuro. (Cf. DREWS, 1993; SANDARS, 1978; AUGET, 1987: cap. 1)

Na pulverização do poder vigente nessa porção do mundo antigo à época, com intensificação da pirataria e das pilhagens ocasionais, mesmo uma vez passada a onda de destruições mais graves do início do século XII a.C., situação instável que sucedeu ao duelo egípcio-hitita precedente na Ásia Ocidental, não é difícil imaginar a aflição causada ao príncipe de Biblos pela ação de Unamon, ao que parece a conselho de Beder, o príncipe de Dor, após ser roubado: despojado do ouro e da prata que levava, segundo tudo indica por um teucro, decidiu apossar-se de prata pertencente a outros teucros até obter satisfação, *fazendo-o no porto de Biblos!* Eis aí o outro elemento necessário para entender as desventuras do enviado de Amon em sua missão.

6. Análise: as Relações do Egito com a costa da Palestina e da Fenícia no Relatório de Unamon

A importância do *Relatório de Unamon* como fonte é ímpar: simplesmente não existe, em egípcio nem em qualquer outra língua, documento escrito disponível que nos fale, como este, da situação vigente numa porção, pelo menos, da região costeira da Palestina e da Fenícia no século XI a.C., bem como das relações do Egito com essa parte da Ásia, redigido na própria época ou, no mínimo, tendo como base observações oculares que remontem ao século mencionado.

No tocante ao Egito, há constatações a fazer que permitem vislumbrar a situação vigente à época, mas nenhuma reflexão do narrador (papel assumido a partir de 1,3 pelo próprio Unamon) a respeito. Ele menciona as circunstâncias atinentes a tal situação como se fossem coisas evidentes. Há, no entanto, algumas insinuações acerca do caráter considerado anômalo das circunstâncias egípcias de então, feitas por Tjeker-Baal e talvez por seu escanção.

Na narrativa e nas falas que o texto entrega ao protagonista, não há qualquer referência a Ramsés XI. Herihor, o sumo sacerdote de Amon que, na decoração do templo de Khonsu em Karnak, assumira posturas faraônicas, é mencionado três vezes nas partes do texto que têm a ver com Unamon como narrador ou como interlocutor, excetuadas portanto as falas de outros: em 1,15 aparece, depois de Nesubanebdjed e antes de “outros poderosos do Egito”, como um daqueles a que “pertence” o dinheiro roubado a Unamon em Dor (ou seja, como um daqueles que forneceram recursos para as trocas diplomáticas costumeiras — na forma de dom e contra-dom — a efetuar com os príncipes das cidades asiáticas que seriam abordadas na viagem); nessa ocasião é qualificado por Unamon de “meu senhor”: o que é adequado, pois trata-se de um funcionário dos domínios de Amon em Karnak referindo-se ao sumo sacerdote desse templo. Em segundo lugar, numa fala de Unamon a Tjeker-Baal, o príncipe de Biblos, Herihor aparece pela segunda vez, de novo designado como “meu senhor”, na qualidade daquele a que Amon transmitiu o oráculo exigindo a renovação de seu barco fluvial e enviando em missão à Fenícia um embaixador divino, a estátua de Amon-do-caminho, e outro humano (como aparece em 2,55-56): 2,25-26. A terceira e última referência é ao “lugar onde está o sumo sacerdote de Amon”, lugar em que a “missão” de Tjeker-Baal ao fornecer a madeira para o barco sagrado será avaliada por Herihor: “ele”, substituindo “sumo sacerdote de Amon” (2,61-62).

Passando a Nesubanebdjed e Tanetamon, os governantes de Tânis, a hipótese de a legitimação da situação do primeiro passar pela esposa parece demonstrar-se pelo fato de os dois serem mencionados sempre em conjunto por Unamon (salvo uma única vez para cada um deles, em contextos especiais). A ocorrência mais importante é em 2,35, em que a seus nomes se agrega o esclarecimento: “aqueles organizadores da terra postos por Amon no norte de seu país”. O Egito, portanto, pertence a Amon, a que o “seu” se refere. E o casal não é mencionado num contexto de poder pessoal: marido e mulher são “organizadores”² de uma parte do Egito — o que confirma a divisão pacífica do país — em nome de Amon. Seguindo as outras ocorrências na ordem de seu aparecimento no texto, em 1,3-4

ambos são mencionados como estando em Tânis. Recebendo o decreto (oracular) de Amon-Ra, eles fizeram com que fosse lido e então disseram lit. “Eu farei, eu farei!” (um assentimento enfático) no relativo ao ordenado pelo deus (1,5). Ambos em conjunto despacharam Unamon no barco que o levaria à Fenícia (1,6-7). Saltemos a ocorrência de 1,16, já mencionada ao tratar de Herihor. Em 1,53, ao perguntar-lhe Tjeker-Baal por suas credenciais (decreto de Amon, cartas de Herihor), Unamon responde tê-las dado a Nesubanebdjed e Tanetamon. Em 1,58 há a única menção, em fala de Unamon, a Nesubanebdjed sem que surja ao mesmo tempo Tanetamon: mas isto ocorre porque responde a Tjeker-Baal, que de sua parte não menciona jamais Tanetamon. Quando Unamon propõe mandar uma mensagem ao Egito solicitando o envio do pagamento pela madeira, sugere que se escreva a Nesubanebdjed e a Tanetamon (2,34-35). O mesmo quanto à resposta deles, enviando tal pagamento (2,39-40), sendo que logo depois ocorre a única menção isolada a Tanetamon, “ela” (2,41), para contar que enviou um presente especial ao próprio Unamon.

Outras passagens pertinentes à situação egípcia, em falas de Unamon, têm a ver com como via ele sua missão. Ela se originara num decreto (oracular) de “Amon-Ra, rei dos deuses” (1,5), dado ao sumo sacerdote de Karnak (2,25-26), no sentido da partida de Unamon juntamente com o embaixador principal, Amon-do-caminho (2,26). Isto, aliás, é confirmado pelo próprio Amon, ao pôr em transe inspirado um pajem do rei de Biblos quando de um sacrifício a deuses locais (1,39-40). Unamon em duas ocasiões diferencia, por tal razão, sua missão daquelas do passado para obter madeira: uma vez, em 2,28-31, ao tratar da questão do pagamento (em bens terrestres no passado, em vida e saúde, de que Amon é o senhor, na missão atual); a outra, depois de mencionar Tjeker-Baal emissários anteriores enviados por Khamuaset, dizendo então Unamon que, enquanto tanto Khamuaset quanto seus enviados eram humanos, desta vez a missão fora enviada por Amon em pessoa, o qual se constituía também em seu próprio embaixador principal, na forma da estátua de Amon-do-caminho, sendo Unamon somente um embaixador humano, portanto secundário (2,53-56). Na fala do pajem em transe, Unamon é somente “o mensageiro” que “carrega” Amon-do-caminho (1,39). Em 2,81, Unamon se apresenta à princesa chipriota como “o enviado de Amon” que, se ameaçado ou assassinado, seria procurado “o tempo todo”, supostamente pelas autoridades egípcias (2,81-82).

Tjeker-Baal, de seu lado, se refere genericamente ao faraó como figura e função, mas não a Ramsés XI, falando das missões do passado feitas para outros reis egípcios e seu pagamento (2,6-8, 2,10-12). Que a

situação do Egito seja, no momento, diferente e anômala é indicado em 2,12-13 : o príncipe de Biblos não reconhece autoridade governamental legítima a Herihor ou Nesubanebdjed. Menciona o primeiro como sumo sacerdote de Amon que despacha um mensageiro devido ao decreto do deus (1,51-52). Quanto a Nesubanebdjed — sem qualquer menção a Tanetamon —, Tjeker-Baal só trata dele num contexto de navegação e comércio (1,53-56, 1,58-59).

Por fim, um escanção da corte do príncipe de Biblos refere-se ao faraó num episódio obscuro: neste caso talvez se trate de Ramsés XI, mas não há como estar seguro (2,45-47).

Em suma, o que se aprende nesta fonte sobre a situação egípcia e sua reconstituição mental por Unamon? Este adota a nova era criada por Herihor na própria datação do texto (1,1) e vê em Amon o “dono” e governante supremo do Egito. Nesubanebdjed e Tanetamon são, em conjunto, autoridades legítimas porque nomeadas por Amon para a parte norte do país — o que tacitamente confirma sua bipartição, que no entanto não se explicita. Quanto à missão em que Unamon embarcou, a cadeia de transmissão foi: do decreto de Amon a Herihor (“meu senhor” no tocante a Unamon, enquanto Amon é também senhor do príncipe de Biblos, sendo este seu servidor: 2,31-32) se passou ao envio de Unamon a Tânis, em conjunto com o verdadeiro embaixador, Amon-do-caminho; em Tânis, Nesubanebdjed e Tanetamon acedem ao decreto de Amon e fazem embarcar Unamon, que leva consigo a estátua divina, como passageiro num barco mercante, não em um dos barcos dos próprios governantes de Tânis ou por eles fretados. Unamon separa, portanto, quanto a sua missão, dois pontos egípcios de referência: Herihor foi o que recebeu no templo a ordem oracular de Amon-Ra e o primeiro a despachar Unamon, em direção a Tânis, deixando o resto por conta dos governantes do norte; mas, ao voltar o mensageiro, avaliará em Tebas a missão decorrente quanto aos seus resultados religiosos, espirituais, dos quais poderão resultar vantagens (do tipo “vida e saúde”) para Tjeker-Baal (2,60-62); Nesubanebdjed e Tanetamon têm a ver com a organização material da viagem marítima e com o pagamento pela madeira. Isto, em conjunto com a forma em que Tjeker-Baal encara Herihor e Nesubanebdjed quanto a suas funções, confirma a repartição de atribuições e tarefas entre a teocracia tebana e as atividades de navegação e comércio de Tânis.

Um segundo assunto é o de como aparecem no texto duas cidades da Ásia ocidental: Dor e Biblos.

Um documento que precede o Relatório de Unamon de poucas décadas, a controvérsia literária satírica do escriba Hori contra o escriba

Amenemope (preservada no Papiro Anastasi I), além de confirmar em linhas gerais o mapa político da costa da Palestina e da Fenícia, bem como das regiões adjacentes, tal como resulta da fonte que analisamos, (Cf. REDFORD, 1992: 292) mostra a Palestina como uma região insegura para que nela viaje um egípcio. A Fenícia, no entanto, é descrita rapidamente, com menção de suas cidades, sem que se fale de qualquer perigo. Isto concorda com a continuidade histórica que supõe o fato de chamarem os fenícios da Idade do Ferro a si mesmos de *can 'ani* e à sua terra de Canaã, como já foi mencionado: a região parece, de fato, ter escapado às destruições que a arqueologia tantas vezes confirma (a cidade de Beth-Shean, por exemplo, onde Ramsés III havia estabelecido uma guarnição de “povos do mar” lado a lado com soldados egípcios, foi brutalmente incendiada) e às transformações profundas do mapa político que caracterizaram outras porções da Síria-Palestina tanto ao norte quanto ao sul.³

O porto de Dor, primeira escala de Unamon mencionada no texto, é corretamente designado como pertencente à região de Tjeker (dos teucros): 1,8-9. Ao contrário do que ocorre com Biblos, poucas informações são dadas a respeito dessa cidade-Estado. Seu chefe é Beder (1,9) e numa fala de Unamon ele é mencionado como “o chefe desta terra” e “o seu juiz” (1,13-14). Juiz é, no caso, *semety*, termo egípcio que designa uma espécie de “juiz de instrução”, estando ligado ao verbo *semeter* (cuidar de, examinar, investigar, dar testemunho); chefe é *ur*, vocábulo que os egípcios usam habitualmente para referir-se a governantes estrangeiros. As outras informações a respeito têm a ver com as relações internacionais e serão examinadas alhures.

Passando ao que o *Relatório de Unamon* informa acerca da cidade-Estado de Biblos, seu governante, Tjeker-Baal, recebe o mesmo título que qualifica o príncipe de Dor: ele é *pa ur ne Kepen*, “o príncipe de Biblos” (1,17 é a primeira ocorrência). No tocante ao pessoal administrativo e às instituições da cidade-Estado, vejamos que cargos são citados no texto. O primeiro (1,43) é o “superintendente do porto” de Biblos (*imy-re per*). Temos, a seguir, um “escriva” (2,34), sendo que, em outro ponto do texto (2,64), aparece um “escriva de cartas do príncipe” (*sesb shat ne pa ur*) que não sabemos se é o mesmo anteriormente nomeado, sendo provável a presença de vários escribas na corte de Biblos. Note-se que o “escriva de cartas” agiu, no ponto do conto em que é nomeado, não como escriva e sim como: 1) mensageiro portador de uma inquirição oral do príncipe a Unamon e da resposta do último repetida ao príncipe (2,64-67); 2) como aquele que leva até Unamon uma mensagem e um presente de virtualhas mandados por Tjeker-Baal e, na mesma ocasião, a cantora egípcia Tanetniut

(2,68-69). Um mensageiro (*iputy*) do príncipe de Biblos é enviado ao Egito com a carta de Unamon solicitando os bens para pagar pela madeira e acompanhando um adiantamento de toros trabalhados, voltando depois à Fenícia com o carregamento enviado pelos governantes de Tânis (2,37-39); na fala de Unamon, tem-se a impressão de que o mensageiro é o próprio escriba que redigiu sob ditado a carta (2,35), o que é pouco provável; mesmo porque aquele que foi ao Egito é mencionado como mensageiro, não como escriba. Aparece, em 2,71, uma assembléia (*mu adj*), cuja designação, segundo Goedicke, poderia provir da língua egípcia (de duas palavras significando respectivamente “água” e “limite do deserto”), significando “água e limites” (limites entre campos?), provavelmente dois dos assuntos freqüentes nas deliberações de tal assembléia. (GOEDICKE, 1975: 123) Recordemos ainda que o príncipe contava com “assentamentos” de transações do passado que, ao que parece, remontavam bastante para trás no tempo — já que se referiam a seis embarques de madeira para conserto do barco fluvial de Amon, coisa que não ocorria com grande freqüência (2,8-9): mais um argumento a favor do que também mostram a arqueologia e a fonte egípcia literária pouco anterior ao *Relatório de Unamon*, já mencionada, no sentido de uma normalidade e uma continuidade estrutural da costa fenícia contrastando com os saques, tumultos e transformações do mapa político em outras porções da Síria-Palestina.

Três membros da *entourage* de Tjeker-Baal aparecem na narrativa de Unamon. Um deles é um lit. “pajem dentre os seus pajens” (*adjed aa [me] nay.fadjedu*), significando a expressão traduzida como “pajem” algo como “rapaz grande”; a identificação de tal pessoa como um sacerdote, que se quis fazer pelo fato de entrar em transe num templo, ou pelo menos durante uma cerimônia religiosa, carece de base (1,38-39). O papel corrente de jovens em práticas divinatórias na Ásia ocidental torna tal hipótese supérflua e autoriza a tradução como “pajem” (já que o rapaz em questão é designado como “seu”, isto é, de Tjekerbaal: um jovem da corte do príncipe, daí “pajem”). A seguir, temos um “escanção” (*uba*), ou seja, alguém que serve bebida a Tjeker-Baal; o copeiro em questão parece ser egípcio, já que tem como nome Penamon, que significa “aquele de Amon” (2,45-46). O termo que designa o seu cargo tanto pode indicar um personagem importante da corte como um mero serviçal. Por último, temos “uma sua [= do príncipe de Biblos] cantora do Egito”, Tanetmiut, “a da Cidade [= Tebas]”: (2,69) na Idade do Bronze anterior, especialistas dos diferentes países circulavam entre as cortes; há outros casos conhecidos de mulheres egípcias — muito provavelmente cortesãs, além de saberem cantar e dançar — em cortes da Ásia ocidental.

No conjunto, a impressão que fica da leitura é a de uma cidade-Estado pequena, porém contando com uma corte e instituições administrativas já antigas e consolidadas.⁴

Falemos agora do que se aprende no documento examinado a respeito das relações internacionais na costa palestina e fenícia.

Seguindo a ordem em que os assuntos são introduzidos ao longo do texto, o primeiro fato a chamar a atenção é que Nesubanebdjed e Tanetamon, os governantes do norte do Egito sediados no porto fluvial/marítimo de Tânis (marítimo, no sentido de poder ser alcançado pelos barcos que navegavam no Mediterrâneo oriental), no nordeste do Delta, ocupam-se com as relações de troca por mar entre o Egito e a Ásia ocidental e com a navegação propriamente dita. Unamon afirma acerca do casal: “Nesubanebdjed e Tanetamon me despacharam (*udj*) com o comandante de barco Mengebet”; o fato de o terem “despachado” em sua viagem ao exterior implica terem efetuado os arranjos para a viagem. Mengebet é certamente estrangeiro (1,55), mas não se pôde provar sua origem, havendo opiniões divergentes a respeito. Alguns vêem em Mengebet o nome do barco, não do comandante (traduzindo então “com o comandante do barco ‘Mengebet’”). Sua tripulação é chamada de “síria” em 1,55; o patronímico empregado então, *kharu*, é muito genérico, não indicando uma procedência regional específica. Adiante no texto (1,57-58), Tjeker-Baal menciona os vinte barcos em seu porto (provavelmente não os que estavam lá no momento mas, sim, os que faziam regularmente a ligação entre Tânis e Biblos) fretados por Nesubanebdjed e outros cinquenta em Sidon — o principal porto fenício daquela época — fretados por Warakatil e sua “casa” (2,1-2). Este Warakatil é, presumivelmente, um residente estrangeiro de Tânis que comercia em ligação com Nesubanebdjed (embora haja também a hipótese de ser um governante comparado no texto, quanto aos barcos que freta, a Nesubanebdjed), posto que a passagem em que aparece a menção a seu nome é uma em que Tjeker-Baal manifesta a sua estranheza de que Unamon, que pretende ser um enviado oficial, chegue a Biblos num barco que *não é* daqueles que, habitualmente, navegam para o governante de Tânis: 1,54-56. A resposta de Unamon à ironia do príncipe foi um sofisma que não convenceu ao interlocutor e a que se seguiu um longo silêncio embaraçado do egípcio: 1,57-58. Como no caso de Mengebet e, na verdade, dos demais nomes estrangeiros que o texto contém, não há acordo sobre o significado ou procedência do nome próprio Warakatil. Que fosse Nesubanebdjed o interlocutor egípcio considerado desejável ou natural no tocante às negociações econômicas de Biblos com o Egito fica demonstrado pelo fato de que, ao sugerir Unamon que se escrevesse a

ele (e a Tanetamon) para pedir o pagamento, o assentimento de Tjeker-Baal foi imediato; aceitou, mesmo, enviar com a mensagem um considerável adiantamento de madeira (2,34-38).

No episódio de Dor, um membro da tripulação do barco que transportava o emissário egípcio fugiu, tendo roubado os bens que Unamon trazia consigo para entrar no jogo de dons e contra-dons com os príncipes asiáticos: bens constantes de um vaso de ouro (reservado a Tjeker-Baal de Biblos, talvez), cinco vasos de prata e uma certa quantidade de prata em pedaços, ensacada (1,10-12; quanto ao destino destes objetos, ver 1,16-17). Na correspondência de Amarna, os vasos preciosos ocupam um lugar proeminente entre os artefatos intercambiados pelos governantes. Ao ocorrer o incidente, o príncipe de Dor já havia enviado a Unamon um presente de boas-vindas (numerosos pães, um jarro de vinho, uma anca de boi: 1,9-10); tão generoso que dificilmente poderia ser consumido num período curto por uma só pessoa: embora o texto não o mencione, possivelmente Unamon viajasse com uma pequena escolta. Supõe-se que, se não tivesse sido roubado, ao partir é que o egípcio presentearia Beder.

Os diálogos entre Unamon e Beder após o roubo são ricos em dados que iluminam algo do direito internacional vigente naquela parte do Oriente Próximo: um roubo ocorrido em terra é da jurisdição do príncipe local, responsável eventualmente pela respectiva compensação até que o caso se resolva; cometido no interior de um barco, passa à jurisdição do próprio barco. No entanto, a distinção não deve ser absoluta, já que Beder pede tempo para inquirições (nada descobrindo ao longo de nove dias). Ver 1,13-21. No tocante ao segundo diálogo, é possível que a frase de Unamon, “Quisera ir-me com os capitães de barco e com os viajantes do mar!” (1,23), em função do anterior, possa entender-se juridicamente, isto é, algo como: “Quisera apresentar o caso, ocorrido dentro de um barco, às autoridades competentes em situações assim”. (Cf. GOEDICKE, 1975: 38-39) As lacunas subseqüentes tornam difícil a compreensão cabal do conselho do príncipe de Dor e da ação que, por conseguinte, empreendeu Unamon, apossando-se de prata pertencente a teucros que estavam a bordo de um navio (não se sabe se o seu ou outro): 1,23-32. Que sejam teucros se depreende de que barcos dessa procedência tenham sido enviados a Biblos para impedir a partida do emissário de Amon quando se soube que o carregamento de madeira que viera buscar estava empilhado à espera do embarque (2,62-67 e seguintes).

Durante todas as suas aventuras no exterior, nota-se que Unamon mantém uma mentalidade “da Idade do Bronze”, o que não é tão surpreendente para um egípcio da teocracia tebana, ainda mais na hipótese

— que tem elementos a apoiá-la — de que a oligarquia tradicional da Tebas raméssida (templária e de famílias ligadas às prefeituras do leste e do oeste da cidade), em função dos episódios de Panehesy e de Amenhotep, tenha sido erradicada tão totalmente que falhou a continuidade administrativa e mesmo burocrática com os sucessores, pelo qual estes últimos, recorrendo aos arquivos, interpretavam literalmente certas coisas que deveriam entender-se de outro modo (os faraós do período imperial anterior sempre chamavam de “tributo” os bens recebidos das zonas asiáticas a eles subordinadas, ainda nos casos em que de fato se pagasse por tais bens). Em Dor, Unamon agiu como agiria um viajante egípcio da época do império numa situação similar: roubado, procurou o príncipe local para obter compensação. Mas os tempos eram outros: o príncipe Beder tratou-o com respeito mas foi firme ao enunciar as regras vigentes na época, que não eram as do apogeu do Bronze.

No tocante a Tjeker-Baal, os assuntos básicos são dois: a negociação e depois a transação relativa à madeira para o barco de Amon; e a questão dos teucros.

Já adiantei, em outro lugar deste texto, parte de minha opinião a respeito da missão de Unamon: a postura do príncipe de Biblos foi, no princípio, de duvidar de sua legitimidade, na ausência de credenciais e diante do fato de Unamon não ter vindo num barco de Nesubanebdjed que contivesse também o pagamento esperado tradicionalmente para o “contrato de madeira” (2,4) destinado ao barco de Amon-Ra: 1,48-2,22. Sua frieza — sendo bem pouco típico da cortesia do Oriente replicar a uma saudação com uma pergunta abrupta, sem responder à mencionada saudação (1,49-51) — decorreu tanto do anterior quanto do assunto da prata de que Unamon se apropriara no porto de Biblos. Uma vez resolvida a questão do pagamento pela madeira — um carregamento ilustrativo dos bens exportados pelo Egito empobrecido para a Ásia (2,40-41) —, os troncos foram cortados e transportados por homens e bois: a relação da mão-de-obra com o príncipe de Biblos e as condições em que trabalhou (trabalhadores remunerados em rações, ou em prata? pessoas submetidas à corvéia?) não são esclarecidas, ficando explícito somente que os supervisores do trabalho foram indicados por Tjeker-Baal (2,43-44).

Não sabemos se, na época do império egípcio, haveria trocas de presentes do emissário de Amon com os príncipes das cidades-Estado dependentes da Ásia, nos portos de escala e no destino final. Desconfio que não, ou nem sempre; e que a necessidade de levar bens para tais trocas indique algo que, pelo menos no caso de Tjeker-Baal, me parece patente: embora com alguma ambigüidade e demonstrando certo saudosismo em relação

aos “bons tempos” passados (pelo menos, mais seguros para Biblos do que estes em que a cidade estava cercada de povos que haviam saqueado outras partes da região e não se submetiam a algum suserano controlador — por mais que a correspondência de Rib-Hadda no século XIV a.C. mostre como podia ser ilusória a proteção egípcia mesmo na época do auge do Bronze), os príncipes menores da Síria-Palestina agiam e falavam agora como os grandes reis da época de Amarna, exigindo presentes e, concomitantemente, permitindo-se criticar o recebido. Veja-se, com efeito, que Tjeker-Baal, embora afirmando que o fornecimento de madeira para o barco de Amon sempre fora “comércio” feito por seus antecessores (2,5-8), logo depois chama o pagamento correspondente de lit. “presentes reais” (*fay melek*: 2,11-12). Ao receber o carregamento vindo de Tânis, declara-se “satisfeito”, o que na linguagem das transações próximo-orientais significa que o negócio é fechado (2,42); mas, ao mesmo tempo, usa retórica idêntica à dos grandes reis do passado ao reclamar de presentes recebidos ou ao pedi-los: “E tu, o que trouxeste para mim — sim, para mim?” (2,8); “... tu não fizeste por mim aquilo que teus antepassados fizeram por mim: sim, tu!” (2,48).

Não se poderia pedir melhor testemunho de uma época de transição: enquanto Unamon ainda parecia de todo imbuído da maneira de ver da época do império (embora o próprio fato de narrar realisticamente o que lhe acontecera na Ásia e em Chipre talvez mostrasse que aprendeu a lição de que, de fato, os tempos eram outros), Tjeker-Baal, em suas falas, mesclava fragmentos ideológicos remanescentes do apogeu do Bronze com reivindicações e auto-afirmações que eram de tipo bem diferente. É como se pensasse: nos velhos tempos, eu seria um servidor do faraó (acho ser este o sentido de 2,10). Mas as coisas mudaram: nem mesmo há, agora, um faraó no Egito, respeitado, agindo como rei. Em relação aos governantes atuais efetivos do Egito dividido, Tjeker-Baal certamente não se vê como servidor deles (2,13-14). O Egito, organizado por Amon antes dos outros países, levou no passado a eficiência e o ensinamento a Biblos (2,19-22): o que implica que, no presente, a prioridade egípcia desapareceu, posto que a eficiência e o ensinamento já haviam atingido “o lugar onde estou”. O próprio Amon havia alçado o Baal asiático, ou seja, Sutekh, equivalente ao Seth egípcio, a uma posição proeminente ao seu lado. O Egito do passado esvaiu-se, evacuou da Ásia suas tropas e seus comissários: Biblos, já civilizado, pode agir com autonomia. Tjeker-Baal, dentro das limitações de recursos de uma cidade-Estado, imita ao máximo os grandes reis da Idade do Bronze, até no desejo de manter em sua corte especialistas estrangeiros.

Nos novos tempos, com a memória ainda relativamente recente das depredações dos “povos do mar” e com a onipresença da pirataria e da ameaça potencial de pilhagens, em função da ausência de grandes potências que controlassem a Síria-Palestina, o último que pode desejar Tjeker-Baal é um conflito com os teucros, cujo litoral fica tão próximo do da Fenícia, a só uns dias de navegação: meras 80 milhas náuticas separam Dor de Biblos. Ao mesmo tempo, não deseja melindrar o Egito. De início, ao achar ser Unamon um impostor, tenta simplesmente livrar-se dele — mas só pela repetição da ordem de que deixe o seu porto, sem passar a algum tipo de ação repressiva (1,34-38). Ao virem os teucros, procura uma posição de não-envolvimento: consola Unamon com iguarias e com o empréstimo de uma “cantora”, declara não poder detê-lo em sua cidade, organiza seu embarque num barco de Biblos como solicitara o embaixador de Amon (2,57, 2,82); mas lava as mãos quanto a, uma vez o enviado egípcio a bordo e fora de sua cidade, os teucros tratem de agir por si mesmos contra Unamon (2,62-74). Como foi dito em outro lugar, sua pressa quanto a Unamon ir-se de Biblos, uma vez a madeira pronta e empilhada à beira-mar, parece ter estado ligada a uma esperança (que finalmente se frustrou) de que pudesse partir antes que os teucros, alertados, viessem (2,47-60).

Limitei-me a estudar as relações egípcias com a Ásia ocidental: não examinarei, então, o episódio incompleto das aventuras de Unamon em Chipre (2,75-83).⁵

Conclusão

Do ponto de vista estritamente literário, o *Relatório de Unamon* refere-se a um tema que aparece também em outras narrativas procedentes do antigo Egito: o de um viajante egípcio retido no exterior devido a circunstâncias que escapam a seu controle. Achamos, de fato, tal situação no *Conto de Sanehet* e no *Conto do naufrago*, quanto ao Reino Médio; e, no relativo aos relatos escritos em neo-egípcio durante o Reino Novo, além de *Unamon*, no conto do *Príncipe predestinado*. O texto analisado sobressai claramente, porém, entre os do Reino Novo, por suas qualidades literárias excepcionais, por um manejo especialmente feliz do neo-egípcio e por sua utilidade, já ressaltada, como fonte para a História.

Unamon procede do ambiente teocrático e sacerdotal de Tebas no final do Reino Novo, na XXª dinastia declinante: quando, justamente, deram-se, pela primeira vez, as condições para um “descolamento” entre a literatura sacerdotal e a de corte. Nas circunstâncias especiais atravessa-

das pelo Egito à época — com um faraó ainda vivo mas fora de cena, por razões provavelmente graves (um derrame? loucura? senilidade precoce?) mas desconhecidas por nós, e a bipartição recente do país em dois governos e duas esferas de influência delimitadas amigavelmente, uma teocrática, com centro na Tebaida, a outra mais mundana, instalada no porto de Tânis — tal discurso sacerdotal, apenas criado como algo à parte, atingiu o seu auge exatamente no *Relatório de Unamon*, ao pôr tal escrito Amon-Ra no lugar antes ocupado pelo faraó nos discursos baseados no mito da realeza divina.

Entre o princípio do segundo milênio a.C. e a época em que teria ocorrido a viagem de Unamon, passaram-se uns novecentos anos em que muitas coisas aconteceram. No tocante às relações com a Síria-Palestina, por exemplo, aspecto salientado neste texto, foram séculos (em especial desde o domínio hicsu, em seguida à época do império egípcio) de contactos crescentes dos egípcios com essa porção do Oriente Próximo que, por isso, conheciam muito melhor em 1075 a.C. do que no século XX a.C.. Isto provavelmente foi o que possibilitou, finalmente, que uma *outra* visão, a visão asiática (no caso através do príncipe Tjeker-Baal de Biblos), pudesse ser percebida — mesmo porque era preciso, agora, lidar com ela, conviver com ela — e reproduzida num documento egípcio. Coisa impensável no início da XIIª dinastia!

Se muitos autores perceberam bem o *tournant*, o corte que o relato relativo a Unamon representa em relação a tudo o que houve antes, textualmente, no Egito faraônico, tratei de nuançar tal constatação. Se se efetuar uma análise prévia das cartas de Amarna, torna-se possível mostrar que, como seria de se esperar num período de transição, em que as realidades da Idade do Bronze tardia estavam ainda muito próximas e não de todo superadas, o texto mistura grandes diferenças de expressão e novidades consideráveis com a continuidade de alguns fragmentos da ideologia típica da Idade do Bronze quanto às relações internacionais, o que se depreende, em especial, do discurso do príncipe de Biblos. Este tentava agir como um grande rei do passado, inclusive pela apropriação de certos modos de expressar-se, além de reproduzir em pequena escala, em sua corte, algumas das características das cortes bem maiores e mais imponentes daqueles grandes reis. Ao mesmo tempo, assumia um discurso mercantil bem mais característico do que em tempos pretéritos.

Se quiséssemos teorizar acerca da posição de Biblos em relação ao Egito, poderíamos dizer que, com o colapso do império egípcio na Ásia ocidental ocorrido no século XII a.C., aquele porto asiático passou de uma situação de periferia forçosa (em razão da conquista e do controle

militar, mesmo frouxo, que os egípcios exerceram sobre a cidade no auge da Idade do Bronze) à que foi chamada recentemente de “situação periférica negociada” (*negotiated peripherality*). (KARDULIAS, 1999: XVIII) O Egito continuava sendo, apesar de tudo, o mais próximo dos grandes Estados remanescentes após o que foi chamado de “catástrofe de 1200 a.C.” (DREWS, 1993), mas Biblos tinha agora uma latitude muito maior de negociação no tocante à sua posição periférica para com o reino do Nilo, não estando já sob sua dependência político-militar.

Documentação textual

- ERMAN, A. (org.). *The ancient Egyptians. A sourcebook of their writings*. Trad. de A. M. Blackman. Gloucester (Mass.): Peter Smith, 1978.
- GARDINER, A. H. *Late-Egyptian stories*. Bruxelles: Fondation Égyptologique Reine Élisabeth, 1932.
- GARDINER, A. H. *Ramesside administrative documents*. Oxford: Griffith Institute, 1948.
- GOEDICKE, H. *The report of Wenamun*. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 1975.
- GRANDET, P. (apresentação e tradução). *Contes de l'Égypte ancienne*. Paris: Hachette, 1998.
- LALOUETTE, C. (tradução e comentários). *Textes sacrés et textes profanes de l'ancienne Égypte. II. Mythes, contes et poésies*. Paris: Gallimard, 1987.
- LEFEBVRE, G. *Romans et contes égyptiens de l'époque pharaonique*. Paris: Maisonneuve, 1976.
- LICHTHEIM, M. (org. e trad.). *Ancient Egyptian literature. II. The New Kingdom*. Berkeley-Los Angeles: University of California Press, 1976.
- SIMPSON, W. K. (org. e trad.). *The literature of ancient Egypt*. New Haven (Conn.): Yale University Press, 1973.
- WILSON, J. A. “The journey of Wen-Amon to Phoenicia”. In: PRITCHARD, James B. (org.): *Ancient Eastern texts relating to the Old Testament*. 3ª ed. ampliada. Princeton (New Jersey): Princeton University Press, 1969. pp. 25-29.

Bibliografia

- AUGET, M. E. *Tiro y las colonias fenicias de Occidente*. Barcelona: Bellaterra, 1987.
- BIETAK, M. *Avaris and Piramesse*. Oxford: Oxford University Press, 1979.
- BROWN, A. C. e CATLING, H. W. *Ancient Cyprus*. Oxford: Ashmolean Museum, 1986.
- CASSON, S. *Chypre dans l'antiquité*. Trad. de G. Walter. Paris: Payot, 1939.
- DREWS, R. *The end of the Bronze Age*. Changes in warfare and the catastrophe ca. 1200 B.C. Princeton (New Jersey): Princeton University Press, 1993.
- DUNAND, M. *Byblos. Son histoire, ses ruines, ses légendes*. Beyrouth: Adrien Maisonneuve, 1973.
- GRIMAL, N. *Histoire de l'Égypte ancienne*. Paris: Fayard, 1988.
- KARDULIAS, P. N. "Preface". In: _____ (org.). *World systems theory in practice*. Leadership, production, and exchange. Lanham (Maryland): Rowman & Littlefield, 1999. pp. XVII-XXI.
- KITCHEN, K. A. *The Third Intermediate Period in Egypt (1100-650 BC)*. Warminster: Aris & Phillips, 1973.
- KNAPP, A. B. "Copper production and eastern Mediterranean trade: the rise of complex society on Cyprus". In: GLEDHILL, J., BENDER, B. e LARSEN, M. T. (org.). *State and society*. The emergence and development of social hierarchy and political centralization. London: Unwin Hyman, 1988. pp. 149-179.
- LECLANT, J. "Les relations entre l'Égypte et la Phénicie du voyage d'Ounamon à l'expédition d'Alexandre". In: WARD, W. A. (org.). *The role of the Phoenicians in the interaction of Mediterranean civilizations*. Beirut: The American University at Beirut, 1968. pp. 1-8.
- NEVEU, F. *La langue des Ramsès*. Grammaire du néo-égyptien. Paris: Khéops, 1996.
- NIBBI, A. *Ancient Byblos revisited*. Oxford: DE Publications, 1985.
- PELTENBURG, E. (org.). *Early society in Cyprus*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 1989.

- REDFORD, D. B. *Egypt, Canaan, and Israel in ancient times*. Princeton (New Jersey): Princeton University Press, 1992.
- ROMER, J. *Ancient lives*. London: Weidenfeld & Nicolson, 1984.
- SANDARS, N. K. *The Sea Peoples*. London: Thames & Hudson, 1978.
- SOUROUZIAN, H. "La 'belle fête d'Opet' ou la barque d'Amon-Rê." In: JOURET, R.-M. (org.). *Thèbes 1250 av. J.-C. Ramsès II et le rêve du pouvoir absolu*. Paris: Éditions Autrement, 1990. 154-159.
- TATTON-BROWN, V. *Ancient Cyprus*. London: British Museum Publications, 1987.
- WESTENBERG, K. *Cypriote ships from the Bronze Age to 500 BC*. Gothenburg: Paul Aströms Förlag, 1983.

Notas

¹ Ver por exemplo a inscrição de Amenhotep III (século XIV a.C.) que a menciona em: LICHTHEIM, 1976: 45; para a época de Ramsés II: SOUROUZIAN, 1990: 154-159.

² Sigo a leitura de GOEDICKE, 1975: 92, para o egípcio *senetju ta*, por me parecer perfeitamente aceitável, dada a ortografia do papiro. Outras soluções foram avançadas, mas o importante é que nenhuma delas designa um título formal, usual, o que confirma uma designação *ad hoc* para uma situação governamental sem precedentes.

³ O documento da polémica de Hori e Amenemope, atribuído a aproximadamente 1100 a.C., encontra-se traduzido em ERMAN (org.), 1978: 214-234; a parte relativa à Fenícia está na p. 229. Para Biblos especificamente, ver DUNAND, 1973; LECLANT, 1968: 1-8.

⁴ Houve uma tentativa de mudar radicalmente as noções acerca da cidade mencionada nas fontes egípcias que se identifica habitualmente com Biblos, negando tratar-se do porto fenício. Os argumentos não me convenceram, nem, que eu saiba, à imensa maioria dos egíptólogos. Cf. NIBBI, 1985.

⁵ Veja-se, para contexto: CASSON, 1939; WESTERBERG, 1983; BROWN e CATLING, 1986; TATTON-BROWN, 1987; KNAPP, 1988.